

**PROPOSTA DE INTERVENÇÃO
PAUTADA POR ELEMENTOS FACILITADORES
PARA AMPLIAÇÃO LEXICAL
NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Adriana Cristina Cristianini (UFU; GPS-UFU)

adriana.cristianini@gmail.com

Vilmar Lourenço de Melo (UFU; GPS-UFU)

vilmarsandra@gmail.com

RESUMO

A língua portuguesa, bem como sua metodologia de aplicação, se tornou um grande desafio no que se refere às práticas didáticas utilizadas atualmente. Este trabalho objetiva apresentar resultados parciais de um projeto que visa a criar condições ao desenvolvimento de propostas aplicáveis ao ensino de língua portuguesa fundamentadas em estudos da língua, mais especificamente, mas não exclusivamente, no que se relaciona ao seu aspecto semântico-lexical. Baseando-se, entre outros, em conceitos difundidos por Irlandé Antunes (2012), que defende a desvinculação das atuais posturas adotadas pelos professores em sala de aula, e ideias de Luiz Carlos Travaglia (2005), e Marcos Bagno (2012), que atentam para novas metodologias incentivadoras do potencial criativo dos estudantes. Para esta apresentação, tratamos de um projeto de intervenção aplicada a alunos de séries finais de ensino fundamental da rede pública do Distrito Federal. Essa intervenção propõe-se a explicitar uma possibilidade de se alcançar objetivos sem se prender a posturas clássicas e paradigmáticas. Concentramos no uso das palavras cruzadas como elemento norteador e contínuo, não só para o maior conhecimento do léxico, como também para melhor percepção das variações linguísticas e suas inúmeras possibilidades de uso nas mais diversas situações comunicativas. Conceitos de sinonímia/parassinonímia estarão fundamentados principalmente nos estudos de Bernard Pottier (1978), Cidmar Teodoro Pais (1978) e Maria Aparecida Barbosa (1981). Aproveitar o conhecimento prévio do aluno faz com que esse trabalho vise a não somente contribuir com uma nova perspectiva de conceitos inovadores que possibilitem mudanças no propósito do ensino atual, mas também fornecer elementos sustentáveis para a promoção de discussões contundentes e eficazes na tentativa de fomentar uma nova referência em educação, centrada em horizontes diversificados, alternativos, possíveis e prazerosos no processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave:

Língua portuguesa. Léxico. Variação linguística. Sinonímia. Parassinonímia.

1. Considerações iniciais

O ensino moderno da língua materna vem sofrendo transformações há algumas décadas, já se sabe que as velhas formas de se ensinar, incrustadas em metodologias clássicas e tradicionais, não atendem mais às necessidades dos nossos alunos. Convivemos ainda com procedimen-

tos que eram aplicados desde há muito tempo e, que por serem inflexíveis e conservadores, não despertam interesse e nem estimulam às práticas exigidas para o bom desempenho escolar. Como tentar mudar esse quadro? Ou ainda, como trabalhar para que no nosso universo, docente e discente, sejam seguidas as tendências inovadoras que se solidificaram desde Paulo Freire? Como interferir, de forma satisfatória, em procedimentos que perpassam toda contingência teórica das últimas décadas? Como estabelecer alternativas recentes com o intuito de recriar novas possibilidades para uma melhor formação dos nossos estudantes? É com esse propósito que esse trabalho se apresenta, não pelo fato de achar que com fórmulas milagrosas conseguiremos, num passe de mágica, trazer mudanças profundas e estruturais no sistema de aprendizagem que se desenhou em nosso país desde o início do século passado. Mas apontar, de uma forma mais centrada no lúdico ou de novas posturas e metodologias mais flexíveis, caminhos que conduzam ao aprendizado da língua portuguesa nos ensinamentos fundamental e médio.

A ideia inicial de, para esse fim, utilizarmos as palavras cruzadas advém da nossa percepção de que o estímulo acontece aliado ao prazer. Os desafios propostos por esse tipo de atividade resultam em satisfação e, conseqüentemente, em fixação involuntária do léxico. Isso tudo aliado ao fato de que, quando se obtém resultados positivos em qualquer atividade produtiva, promovemos, de forma espontânea, a sequência como um modelo. Isso acaba por gerar contínuos de atividades que, comprovadamente, amadurecem a percepção vocabular e ampliam associações ligadas ao vernáculo.

O caminho a ser percorrido ainda é longo, há muitos campos a serem explorados e há várias possibilidades a serem desenvolvidas. Temos que ter ciência de que só se chega a determinado objetivo quando se inicia um trabalho com preocupação pedagógica constante. Quando sua conclusão, então, corrobora com a busca de novas ideias e, além de tudo, quando seus resultados auxiliam em pesquisas e estudos na procura de um bem maior comum, podemos dizer que estamos promovendo uma educação de qualidade.

2. *Uma nova perspectiva*

A necessidade de propostas didático-pedagógicas para o maior conhecimento lexical e também de um método, que auxilie na percepção das variações linguísticas, surgem como elemento cada vez mais indis-

pensável nas aulas de língua portuguesa. Diversificar a forma de se trabalhar perpassa todas as possibilidades que se mostrem criativas no âmbito de se alcançar um desempenho satisfatório no trato com a linguagem; assim sendo, encontrar formas de se inovar as questões metodológicas torna-se algo cada vez mais urgente e necessário. Segundo Irandé Antunes (2012, p. 14):

Por razões históricas, sobejamente exploradas em diversos estudos, a gramática assumiu nas atividades de ensino um lugar hegemônico; ou, melhor dizendo, um lugar de quase monopólio, deixando fora de análise os outros componentes que tornam possíveis as atividades da comunicação verbal. Consequentemente, o estudo tem constituído um interesse secundário nas atividades do ensino, realizado de forma irrelevante e pouco significativa do ponto de vista dos usos sociodiscursivos da língua,

ou seja, tem-se, hoje, em sala de aula, usado muito mais o ensino da gramática normativa, para o estudo do português, do que formas alternativas e variantes; isso, dada as condições em que o aluno se percebe e a sua dificuldade para compreender o que se está sendo ensinado, reforça seu sentimento de fracasso e também, constantemente, seu insucesso. Há uma dificuldade de fazê-lo compreender o quanto ele é importante para a sociedade como ser linguisticamente ativo; seu papel é sempre subjugado, uma vez que a ideia que prevalece e permanece é a de que aqueles que detêm o poder são aqueles que notoriamente sabem “usar a língua”.

Se considerarmos a metodologia propositiva que se trabalha na atualidade em salas de aula no Distrito Federal, perceberemos uma prática didática que em muito se distancia das novas tendências da pedagogia moderna. Quando o assunto é lexicologia ou variações linguísticas, por exemplo, o que se tem como hábito é o foco na pesquisa vocabular por intermédio de dicionários ainda de maneira tradicional e clássica. Isso quando o próprio professor não se dispõe a sanar as dúvidas em relação à significação das palavras; ao se tratar das questões de variações linguísticas, então, o que se nota – e aí creditemos também o mérito à maioria dos nossos livros didáticos que quando trazem o assunto o fazem de maneira superficial e insatisfatória – é uma abordagem rápida e sem que se aprofundem as discussões acerca dessas situações. As formas variantes deixam de ser analisadas sob a ótica peculiar, individual e característica e passam a ser classificadas como “erros de português”. Fazer uso em sala de aula de um vocabulário como esse – diferente e particular –, pode ser classificado como um desprestígio, fora dos padrões cultos de linguagem e em desacordo com normas vigentes preestabelecidas.

Segundo Irandé Antunes (2012, p. 87) “É de extrema urgência entender que, para conseguirmos a tão apregoada competência em falar, ler, compreender e escrever, é necessário conhecer, ampliar, e explorar o território das palavras, tão bem, ou melhor, que o território da gramática”; isso implica certamente não só em uma mudança de postura do corpo docente, mas também em propostas e estratégias que possam contemplar essas modificações, tão preteridas hoje pelas novas tendências. A falta desses recursos tem, do ponto de vista pedagógico, influenciado diretamente na manutenção desse ensino tradicional e viciado, com o qual esse trabalho quer, como principal meta, começar a romper.

No âmbito relativo a todas as proposições já antes relatadas quanto ao insucesso de métodos qualitativos para o ensino da língua portuguesa nas escolas públicas do Distrito Federal, cabe-nos propor soluções que, se não conseguirem alterar essa realidade, pelo menos sirva como elementos norteadores e intencionalmente comprometidos em modificar esse quadro; não é uma meta fácil, mas propor alternativas é uma tentativa de apontar caminhos. Nesse sentido comungam com esse discurso o uso de métodos que se diferenciem na correlação entre ensino e compreensão e, para tanto, as palavras cruzadas surgem aqui como elementos facilitadores nessa trajetória. Cabe, então, a esse trabalho uma proposta de intervenção que facilite os caminhos entre a situação em que nos encontramos e aquela que percebemos com ideal e satisfatória, além de possivelmente atingível. O intuito de estabelecer ao aluno uma condição de participante ativo nos momentos em que ele se depara com situações adversas deve ser ampliado e incentivado, isso o conduzirá a uma condição de protagonismo que só tem a contribuir com os objetivos da pesquisa.

Como já foi dito, de várias maneiras nesse trabalho, sobre as possibilidades de se inovar no trato da prática docente do ensino da língua portuguesa, nas séries finais do ensino fundamental da escola pública do Distrito Federal, se faz necessário, então, propor caminhos que, levando em considerações as idiossincrasias lexicais dos nossos alunos, possam conduzir à ampliação de seu conhecimento vocabular e expansão do seu potencial linguístico. O mesmo poderia, assim, transitar nas mais variadas situações, não só de interação comunicativa, como também nas práticas sociais que venha a ser submetido. Nesse sentido o uso das palavras cruzadas, como suporte didático, trará vantagens substanciais, tanto como método utilizado para a abordagem construtiva do conhecimento, como também como linha de ação no contínuo da aprendizagem. Por in-

termédio delas, poderíamos interferir, por exemplo, na condição em que se encontra o nosso estudante do ensino fundamental hoje e levá-lo a uma participação mais efetiva como membro social. Fazer uso das palavras cruzadas surge como fator determinante para se chegar a uma análise precisa de onde e de que maneira devemos trilhar na busca de uma solução para problemas já detectados há muito tempo na educação brasileira. Encontrar respostas para a carência vocabular dos alunos do ensino fundamental da rede pública torna-se aqui um importante propósito com o qual esse projeto alinha suas preocupações. Elencar as possibilidades para resolver esse problema, e também encontrar meios e caminhos possíveis para solucioná-lo, surge como estratégia e meta principal do trabalho, uma vez que na educação, quando se alia teoria e prática os resultados podem ser muito mais surpreendentes do que imaginamos.

3. *Fundamentando o trabalho*

O jogo de palavras cruzadas é um passatempo bastante difundido. Segundo o dicionário UNESP do Português contemporâneo, organizado por Francisco da Silva Borba (2011, p. 1013)

PALAVRAS CRUZADAS pa-la-vras cru-za-das Sf [PI] são espécie de charada em que, de acordo com definições dadas, escrevem-se palavras em quadrinhos que formam fileiras (na horizontal) ou colunas (na vertical), de tal modo que as letras de uma palavra na horizontal entrem na composição de palavras na vertical e vice-versa.

Consiste, portanto, de várias linhas formadas por quadrados em branco, algumas na vertical e outras na horizontal, que se cruzam umas com as outras. Cada linha deve ser preenchida por uma palavra, e cada palavra deve ser descoberta por meio de dicas que acompanham as cruzadas. Ao se preencher uma das linhas, automaticamente se preenche alguns quadrados das outras linhas que a cruzam, tornando mais fácil sua resolução. Palavras cruzadas infantis geralmente são compostas por poucas linhas, que se cruzam, em não mais do que dois ou três pontos cada. Nas palavras cruzadas para adultos as linhas são dispostas de modo a formar um quadrilátero, com quase todos os quadrados pertencendo a duas linhas, uma vertical e outra horizontal. A diferença de tamanho entre as palavras é compensada por intermédio de quadrados pretos, que não devem ser percebidos. Linhas que contêm quadrados pretos geralmente são formadas por mais de uma palavra, mas não sempre. Nos demais casos a segunda porção da linha só será preenchida por uma palavra

contida numa linha do sentido oposto, vertical para uma linha horizontal e vice-versa.

Apesar das palavras cruzadas serem vendidas em revistas de pasatempo, sua maior difusão se dá por meio da publicação em jornais. Todos os grandes jornais do mundo publicam palavras geralmente no caderno de entretenimento ou no de TV. Esse “jogo de adivinhar palavras e cruzá-las em cruzadas sentido horizontal e vertical, tiveram origem no Antigo Egito e foram publicadas no Brasil, em 1925 pela primeira vez, no jornal carioca *A Noite*”. Essa matéria está disponível no site <<http://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho/docente/palavrascruzadas.htm>>.

No nosso universo escolar é comum perceber uma falta de preocupação didática com o planejamento das aulas para o ensino fundamental. Os próprios livros didáticos, instrumentos utilizados na maioria das vezes quase como os únicos disponíveis para o trabalho pedagógico, não diversificam quanto à apresentação de novas propostas que despertariam o interesse do alunado. Alinhadas a maneiras diferentes para se alcançar os objetivos pretendidos, essas novas propostas poderiam contribuir de um jeito no mínimo inovador no processo. E o professor, agente direto dessa ação, trabalharia em conjunto com o livro didático de língua portuguesa esperando atingir um número maior de estudantes com seus objetivos. Dentre vários livros didáticos pesquisados, para o sétimo e oitavo anos do ensino fundamental, podemos citar *Português: Linguagens* (CEREJA & MAGALHÃES, 2002), *Palavra Aberta* (CABRAL, 2000), *Português Ideias & Linguagens* (DELMANTO & CASTRO, 2009), *Textos & Linguagens* (SIMÕES & SANTOS, 2006) e *Linguagem Nova* (FARACO & MOURA, 2000), não se pode perceber, já que esse é o foco principal dessa pesquisa, nenhuma atividade que relacione o ensino de língua portuguesa com o uso das palavras cruzadas.

Já os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1998, p. 83) postulam que “a se considerar a densidade lexical dos universos especializados em que a carga de sentidos supera a capacidade do receptor de processá-los, o domínio de amplo vocabulário cumpre papel essencial entre as habilidades do leitor”. E que cabe a escola organizar situações em que o aluno possa ter acesso a novas palavras e usá-las de forma correta. Dificilmente podemos afirmar o significado de uma palavra se tomá-la isoladamente, dentro da frase é que a palavra ganha sentido, articulada com o exterior linguístico e em função do contexto social. Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1998, p. 83/84) ainda sugerem

como procedimentos, por exemplo, para se trabalhar atividades que orientem construções lexicais:

- Explorar ativamente um corpus que apresentem palavras que tenham o mesmo afixo ou desinência, para determinar o significado de unidades inferiores à palavra;
- Apresentar textos lacunados para, por meio das propriedades semânticas e das restrições solucionadas, explicitar a natureza do termo ausente. (BRASIL, 1998, p. 83/84)

E ainda conclui dizendo que “Não se trata de estimular o uso de palavras difíceis ou raras, mas de apreciar as escolhas em função da situação interlocutiva e dos sentidos dos efeitos de sentido que quer produzir”. Ou seja, abre total espaço para o uso de modos diferentes quando se trata da exploração no uso da linguagem.

Nada se constrói sem fundamentos, Ingedore Grunfeld Villaça Koch (2000, p. 237) já antevia que “todo texto é um intertexto, pois advém da conversa e do conhecimento que se tem de outros textos que com ele se relaciona”. Faz-se necessário, então, salientar a profunda influência que temos até aqui de diversos autores que de uma forma ou de outra contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho. Irandé Antunes (2003, p. 16), por exemplo, reforça que:

Se o que predomina nas aulas de português continua sendo o estudo inócuo das nomenclaturas e classificações gramaticais, ir à escola e estudar português pode não ter muita importância, principalmente para quem precisa, de imediato, adquirir competências em leitura e em escritas de texto.

Confirma-se assim a ideia de que quanto mais se procura novas maneiras de se incentivar o estudo de língua portuguesa, por intermédio de formas não clássicas e tradicionais, mais se tem a chance de alcançar êxito com os maiores necessitados em aprender. Ainda mais quando se intenta, como já se disse, analisar questões referentes às variações linguísticas e ao estudo de léxico.

É importante também salientar que em se tratando de variações linguísticas, há a necessidade de entendê-la como algo individual ou, conforme Marcos Bagno (2007) “como algo estilístico, que vai depender de cada indivíduo, no contexto em que ele vier a precisar”. Ainda citando Marcos Bagno (2002, p. 100):

As escolas impõem demandas linguísticas específicas a seus alunos, e se eles fracassarem em atender tais demandas é porque, obviamente, fracassaram em tudo mais. Temos de tratar da prática pedagógica e de sala de aula: como

as noções de política linguística e de variação linguística são realmente implementadas em sala de aula.

O que equivale a dizer que o tratamento dispensado a questões ligadas a prática da linguagem dentro de contextos específicos são relevadas em detrimento ao ensino da língua tida como padrão e formal. Ou seja, não importa muito se o nosso aluno está, de fato, assimilando as informações que lhe são repassadas. Durante as aulas, mas que ele consiga aprender a língua que é exigida dele, em contextos idealizados e que ele talvez nunca venha a frequentar.

Já para Luiz Carlos Travaglia (2005, p. 72), “as aulas de língua materna carecem de instrumentos que determinem com precisão a capacidade dos alunos em produções próprias”, e, retomando em Irandé Antunes (2007, p. 112),

só se tem a preocupação de cobrar do estudante que ele saiba as regras gramaticais, mesmo tendo consciência que sua aplicação é totalmente descontextualizada; não se valoriza o conhecimento prévio e, consequentemente, não se chega a avaliações satisfatórias porque se mensura de forma equivocada e ineficaz.

Todas essas comparações parecem redundantes, mas enfatizam a importância de como o caminho que temos percorrido, já há muito tempo, é infrutífero. Embora difícil, às vezes, de se perceber a mudança na postura dos professores e a inovação na sua forma de ensinar talvez sejam as únicas maneiras de se alcançar um melhor proveito para nossos aprendizes, ou pelo menos a tentativa é válida.

Ao salientarmos as pesquisas feitas nas áreas de variações linguísticas e da sua aplicação em novas propostas metodológicas, faz-se necessário citar o estudo de Adriana Cristina Cristianini (2007, p. 106) quando descreve que há várias oposições dentro da fala. Que na “norma”, o grau de variação presente é intermediário, desde que não se incluam, nesse caso, diferenças individuais, particulares e específicas presentes exclusivamente na fala. Já a linguagem é fruto de determinações externas ao indivíduo, as diferenças ora dependem língua ora dependem da fala. O sistema, por sua vez, é o conjunto formado pelas unidades da língua que se relacionam segundo determinadas regras que, obrigatoriamente presentes nele, integram sua estrutura e prescrevem o seu funcionamento, manifestando-se como um conjunto de liberdades, que devem respeitar esse caráter prático, como já foi dito. Segundo Eugenio Coseriu (1973, *apud* CRISTIANINI, 2007, p. 104) o sistema seria um conjunto de oposições funcionais, a norma seria a realização coletiva do sistema e o falar, por

sua vez, a realização individual-concreta da norma. Adriana Cristina Cristianini ainda reforça que os falantes de uma mesma língua, mas de regiões geográficas diferentes, têm características linguísticas diferentes. Percebe-se a existência de uma variedade de prestígio e de variedades que não possuem o mesmo valor social. Assim poderíamos descrever as variações linguísticas a partir de três parâmetros básicos: a variação social (diastrática), a variação de situação ou contexto de comunicação (diafásica) e a variação geográfica (diatópica). Poderíamos concluir que o léxico, então, nessa perspectiva, seria o conjunto de todas as palavras que estão à disposição do locutor e, num dado momento, podem ser empregadas ou compreendidas. Dependendo da situação em que o falante de uma língua materna se encontra, sua maneira de se expressar não pode ser classificada como erro, mas entendida, compreendida e respeitada como individualismos próprios dos mecanismos presentes nas capacidades comunicativas.

Voltando à necessidade de formas mais lúdicas para se trabalhar a língua portuguesa nas escolas públicas e até na falta delas, cabe aqui citar novamente Irandé Antunes (2001, p. 57) quando ela diz que “a ampliação do repertório lexical é que demanda experiências bem mais diversificadas e distantes dos espaços informais do cotidiano coloquial”, ou seja, temos que tentar em todos os aspectos possíveis e previsíveis novas formas de desenvolver o potencial do alunado para os objetivos que se desejam alcançar.

A língua materna ainda é muito desconsiderada quando observamos sua sistematização nas nossas salas de aula, apela-se, portanto, à normatização. Exercemos a gramática padrão como a única forma possível de se estabelecer a organização correta das possibilidades a serem desenvolvidas pelos falantes. Irandé Antunes ressalta (2004, p. 126) que “a gramática existe não em função de si mesma, mas em função do que as pessoas falam, ouvem, leem e escrevem nas práticas sociais de uso da língua”, então, ao nos desvincilharmos dos caminhos tradicionais, para o ensino da língua portuguesa, nos aproximariamos do uso prático do nosso falante e consequentemente teríamos melhores condições de buscar soluções para as dificuldades que se apresentam no atual trato com a linguagem.

Segundo Magda Soares (1999, *apud* CAVALCANTI e cols., 2007, p. 1) “o jogo é um instrumento que desperta o interesse, devido ao desafio que ele impõe ao aluno. O aluno desafiado busca com satisfação a superação de seu obstáculo, pois o interesse precede a assimilação”. En-

tão, fazer a correlação entre o que se quer atingir em uma proposta e usar os meios disponíveis para tanto é um poderoso recurso que temos ao alcance e que não podemos abrir mão.

Não temos nos preocupado com as metodologias, mesmo que muitos afirmem o contrário, Luiz Carlos Cagliari (2002, p. 112) alude que “assim como separamos línguas próximas, devemos separar dentro da língua portuguesa aquelas facções que constituem por si um todo orgânico, como uma identidade orgânica particular”, ou seja, é preciso se aproveitar das características próprias de cada indivíduo porque essas diferenças nos apontarão qual o melhor caminho para sanar as dificuldades encontradas pelos alunos e conseqüentemente um ganho maior dentro das perspectivas de entendimento e compreensão da língua. Luiz Carlos Travaglia (1996, p. 234) também afirma que

O próprio caráter sistemático da língua dá sistematicidade ao ensino, mesmo porque tal processo de sistematização, reconhecemos, é um tanto abstrato, para dar segurança ao professor no trabalho concreto de sala de aula” e acrescenta “o trabalho do professor deve ser desenvolvido aproveitando a ocorrência de recursos e fatos da língua que o aluno faz da mesma enquanto produtor e receptor.

Ou seja, nada diferente do que propõe o nosso trabalho com o uso das palavras cruzadas.

4. *Trabalhando e desenvolvendo a ideia*

A pesquisa tem como objetivo, por intermédio do uso sistemático das palavras cruzadas, diagnosticar dificuldades de reconhecimento vocabular e percepção das variadas formas de uso linguístico em uma turma de oitavo ano de uma escola de ensino fundamental na rede pública de ensino do Distrito Federal. É importante que essa turma possua os alunos características semelhantes no que concerne à faixa etária, turno etc. Isso se justifica pelo fato de que os critérios estabelecidos para análise dos dados reunidos se tornam mais seguros e menos passíveis de falha quando se procura trabalhar com uma equivalência de perfil dos estudantes, assim se criará uma melhor condição para análise das informações e maior consistência na linha de ação que posteriormente será adotada. O processo se fundamentará em coletar, com a maior precisão possível, quais seriam as principais dificuldades em termos de inconsistência vocabular e desconhecimento de variações linguísticas encontradas pelos alunos participantes da pesquisa.

A Secretaria de Educação do Distrito Federal conta desde 2000 com um projeto interdisciplinar nomeado de PD (Parte Diversificada ou Projeto Disciplinar). Uma característica desse projeto é ter suas aulas distribuídas entre os professores de português e matemática. É justamente essa aula, única e semanal, de português, que será usada para a aplicação da pesquisa. A média de alunos de uma turma é de quarenta alunos, é com essa quantidade que se tem a pretensão de se trabalhar uma vez que a pesquisa não tem em nenhum momento a intenção de ser vista com discriminatória ou seletiva; embora possa haver, dependendo da circunstância, um número menor de participantes.

Em uma aula de PD (Parte Diversificada ou Projeto Disciplinar), uma listagem, contendo trinta palavras contextualizadas, supostamente desconhecidas pelos alunos, será entregue aos estudantes para que os mesmos testem os seus conhecimentos lexicais. Deixando bem claro que os alunos que optarem por não participar do processo terão a total liberdade de não responder ao questionário e darão continuidade normalmente às atividades planejadas pelo professor responsável, sem nenhum ônus avaliativo. Todas as listas serão criteriosamente corrigidas e as principais dificuldades serão elencadas. Será montada, então, pelo pesquisador, uma série de palavras cruzadas que abordem, além do léxico, questões referentes às variações linguísticas, sinonímia, antonímia, polissemia etc. Vale ressaltar aqui que se faz necessário uma adequação das dificuldades, catalogadas a partir do trabalho de revisão, com a oferta do material a ser produzido e distribuído ao aluno para o próximo passo do trabalho. É importante que a dificuldade proposta pela atividade seja condizente com o nível da turma, mas também é fato que o erro, cometido e registrado nesse primeiro momento, comprovará o avanço alcançado pelos estudantes ao final do processo. A partir da semana seguinte e no decorrer de todo o bimestre, será aplicada, de maneira sistemática e espontânea uma palavra cruzada semanal para resolução individual. O estudante poderá, nesse segundo momento, utilizar um dicionário, uma vez que o trabalho de busca por significação também contribui para uma melhor fixação do vocabulário. Haverá sempre um horário predeterminado para a realização do desafio, criando-se, assim, uma rotina de trabalho funcional, e todas as palavras cruzadas serão corrigidas sistematicamente e os dados relevantes serão anotados.

Ao final de um período preestabelecido (um bimestre), uma nova lista, com palavras desconhecidas, contextualizadas e muito semelhante a que foi utilizada no início do processo, será aplicada aos alunos, inclusi-

ve com palavras que constavam nas listagens iniciais. Todas as listas serão corrigidas novamente, no entanto agora se poderá observar, de forma prática e comprobatória, como se dará a diferença entre as dificuldades encontradas, antes e depois, pela classe submetida ao teste.

Como se trata de uma pesquisa que envolve, mesmo que de forma tranquila e sem maiores problemas, seres humanos, faz-se necessária a submissão desse projeto ao Comitê de Ética e Pesquisa da UFU (CEP). Para atender às exigências pertinentes ao Comitê de Ética e Pesquisa, uma reunião será agendada para se tratar do assunto com os pais. Nesse encontro serão esclarecidas todas as dúvidas existentes e apresentado às famílias os termos necessários para que a pesquisa possa ser realizada sem maiores problemas. Todos os trâmites pertinentes com as exigências do Comitê de Ética e Pesquisa serão respeitados, procurando atingir assim todos os objetivos sem causar nenhum prejuízo a outrem.

5. Considerações finais

Educar não é tarefa fácil. As ambições que envolvem o processo ensino/aprendizagem sempre foram pautadas por desafios grandiosíssimos e dificuldades consideráveis para docentes e discentes. A forma com a qual temos tentado ensinar nossos estudantes reconstrói modelos que ainda obedecem a velhos cânones catedráticos.

Novas formas de fazer o conhecimento chegar aos nossos alunos não é só uma maneira de prender a atenção daqueles maiores interessados em receber o conhecimento, mas uma necessidade que cada vez mais se apresenta como vital na pedagogia moderna. Tratar esses momentos com a devida atenção que eles merecem, pode fazer a diferença entre o poder de difundir o conhecimento definitivo e o de se resignar ao lugar comum em que nos encontramos. Obviamente mudanças não são realizadas da noite para o dia, como se toda a estrutura convencional tivesse que ser alterada e readaptada à força, ou tudo o que foi dito e defendido no processo educacional não valesse mais nada. Mas é inquestionável que a forma de trabalho, principalmente dos estudos de língua portuguesa, tem se mostrado infrutífera. Tem, inclusive, incomodado e levado a questionamentos os próprios professores, levando-os a repensar suas metodologias, conceitos e estratégias.

Tentar inovar a didática usual moderna é um processo que está deixando de ser encarado como desafio para se tornar obrigatório. Pois

somente diferenciando as formas de possibilitar ao nosso aluno um concreto acesso ao conhecimento, poderemos construir um processo válido de ensino, que se mostre, além de eficaz, interessante e contagiante. Quando defendemos a questão lúdica como fundamental nas novas vertentes da pedagogia moderna, nos defrontamos com a difícil tarefa de reformularmos as práticas didáticas sem nos distanciarmos das exigências programadas e defendidas pelos currículos adotados nas nossas escolas. Ao incentivar novas possibilidades na construção do conhecimento, sem abdicar do conhecimento prévio que todo estudante traz como bagagem cultural e vivencial, reforçamos a ideia de que o saber se propaga com mais facilidade quando harmonizado a técnicas que insistem em ter o prazer como aliado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003. [2. ed. 2004].

_____. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola, 2009. [2. ed., 2010].

_____. No meio do caminho tinha um equívoco, gramática, tudo ou nada. In: BAGNO, Marcos. (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *O que são regras de gramática? Muito além da gramática*. São Paulo: Parábola. 2007.

BAGNO, Marcos. Mas o que é mesmo variação linguística? In: —. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Língua e discurso: contribuição aos estudos semântico-sintáticos*. São Paulo: Global, 1981.

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. Colaboradores: Beatriz Nunes de Oliveira Longo, Maria Helena de Moura Neves, Marina Bortolotti Bazzoli e Sebastião Expedito Ignácio. Curitiba: Piá, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Parâmetros nacionais de qualidade para o ensino fundamental da educação básica*. Brasília: MEC/SEB, 1998 [e 1999].

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Análise fonológica*: introdução à teoria e prática com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

CRISTIANINI, Adriana Cristina. *Atlas semântico-lexical da região do Grande ABC*, tomo I. 2007. Tese (Doutorado em Linguística). – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Universidade de São Paulo.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto. 2000.

POTTIER, Bernard. *Linguística geral*: teoria e descrição. Rio de Janeiro: Presença, 1978.

SOARES, Magda. *Letramento*: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Concepção de gramática*. Gramática e interação. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. *Gramática e interação*: uma proposta para o ensino da gramática no 1º e 2º graus. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. *Na trilha da gramática*: conhecimento linguístico na alfabetização e letramento. São Paulo: Cortez. 2013.